

Irmão John, de Taizé

À Beira da Fonte

Jesus e a Samaritana



Editorial A. O. – Braga

Título original:	Tout près de la source – Jésus et la Samaritaine © Ateliers et Presses de Taizé, 1999 ISBN 285040 177 3 F-71250 Taizé-Communauté
Na capa:	Jesus e a Samaritana – pormenor (Igreja de Santo Apolinário, o Novo (séc. VI) – Ravena)
Capa (arranjo gráfico):	Aida Melo
Traduzido do original francês por:	Margarida Maria Osório Gonçalves
Paginação:	<i>Editorial A. O.</i> – Braga
Impressão e Acabamentos:	<i>Fabigráfica</i> – Pousa – Barcelos
Pode imprimir-se:	<i>Nuno Gonçalves, S.J.</i> Provincial
Imprima-se:	† <i>Jorge Ferreira da Costa Ortiga</i> Arcebispo Primaz
Depósito Legal nº	234541/05
ISBN	972-39-0639-2
	Novembro de 2005

©

**SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

L. das Teresinhas, 5 – 4714-504 BRAGA
Tel.: 253 201 220 * Fax: 253 201 221
livros@snao.pt; www.jesuitas.pt/AO/AO.html

Este livro vem na sequência de uma série de reflexões sobre o encontro de Jesus com a Samaritana relatado por S. João no quarto capítulo do seu Evangelho. Foram apresentadas como introduções bíblicas durante os encontros internacionais que, todos os anos, reúnem dezenas de milhares de jovens na colina de Taizé.

Após uma primeira parte que situa o tema do poço e da água no contexto global das Escrituras hebraicas, o livro segue o relato, passo a passo. Os versículos de João 4, cuja referência é indicada ao cimo da página, são transcritos em grandes caracteres e seguidos de um comentário. Quando outros textos bíblicos são citados nos comentários, vêm em *itálico*.

Além disso, são utilizados **três sinais** para facilitar a compreensão de todo o conjunto. Fazem alusão a elementos facultativos que interrompem momentaneamente o texto principal:

“ colocado à esquerda do comentário, indica textos ou referências bíblicas que, embora não façam parte do argumento principal, o completam ou clarificam.

√ recolhido à direita, indica notas explicativas.

? igualmente recolhido à direita, introduz textos que possibilitam actualizar o relato bíblico. Podem estimular a reflexão pessoal ou servir de ponto de partida para uma troca de impressões entre várias pessoas.

Antecedentes

O poço na Bíblia

No centro da fé cristã,

não há nem uma filosofia, nem uma moral, mas uma pessoa: um homem conhecido pelo nome de Jesus de Nazaré. Sempre o mundo se sentiu fascinado por esta figura e inúmeras são as obras que se escreveram na tentativa de Lhe decifrar o segredo. A partir da sua realidade humana, podemos descrevê-Lo de diversos modos: um mestre de sabedoria, um profeta, um revolucionário, um justo... Embora todas estas designações tenham o seu quê de verdade, são absolutamente insuficientes para o crente. Numa perspectiva completamente diferente, uma frase lapidar do Evangelho de S. João indica-nos a importância de Jesus aos olhos da fé:

*A Deus jamais alguém O viu.
O Filho Unigénito,
que é Deus e está no seio do Pai,
foi Ele quem O deu a conhecer (João 1,18).*

Aos olhos do crente, a chave para compreender Jesus não se encontra a nível da sua humanidade. Ele é o Filho, Aquele que tem uma relação absolutamente única com o mistério presente no âmago da existência ao qual chamamos Deus. Consequentemente, é através da sua vida humana que nos mostra plenamente a identidade desse Deus. Por isso, S. João chama a Jesus o Logos, a Palavra de Deus que vem ao mundo: Ele é, no seio da história humana, a expressão e a comunicação do próprio Deus.

“ Ler *Jo* 1,1-18

? Para mim, quem é Jesus de Nazaré? Que textos evangélicos me ajudam a descobrir melhor a sua identidade?

A expressão «Palavra de Deus», porém, também se aplica à coleção de livros que chamamos Bíblia. E sabemos que as Bíblias cristãs têm duas partes: o Antigo Testamento, que conta a história do povo de Israel antes do nascimento de Jesus de Nazaré, e o Novo Testamento, que conta a vida e a mensagem desse Jesus. Surge então a pergunta: que necessidade temos do Antigo Testamento? Se tudo nos é dado em Jesus Cristo, não podemos simplesmente pôr de lado tudo o resto? Esta pergunta, aliás, não é nova. Foi formulada, muitas vezes com veemência, logo nos primeiros séculos cristãos. Tanto mais que, no entender de muitos, as diferenças entre os dois Testamentos saltam à vista: os nossos contemporâneos gostam de assinalar o contraste entre o Deus do Antigo Testamento, cruel e sanguinário, e o Deus de Jesus Cristo, que seria supostamente o «Deus de amor». Mais uma razão, segundo parece, para eliminar das nossas bíblias a primeira parte e para nos concentrarmos definitivamente no essencial.

Todavia, vistas mais de perto, as coisas não são assim tão simples. Compreender a relação entre as duas partes da Bíblia, ajuda-nos a discernir melhor o modo como Deus Se comunica ao mundo. Afirmar que, em Jesus Cristo, Deus revela plenamente a essência do seu ser e da sua vontade, não significa que Deus Se dê a conhecer unicamente em Cristo.

Muito pelo contrário, através da criação do universo e da história humana, desde as origens até aos nossos dias, Deus nunca cessou de Se comunicar de muitas e variadas maneiras. Não nos cabe a nós reduzir a sua presença. Ser cristão, não é recusar, à partida, seja a quem for ou seja ao que for o estatuto de revelação, mas acreditar simplesmente que Jesus Cristo recapitula tudo o que havia de incompleto nas outras revelações, corrige-lhes os desvios, confirma-lhes a verdade e revela o mais profundo significado nelas contido. A sua Pessoa é, pois, o lugar de um discernimento ou, em termos bíblicos, de um julgamento (*krisis*, em grego).

“ Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas. Nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho... (*Hebreus*, 1,1-2).

A história do pequeno povo de Israel, porém, ocupa um lugar único e, de certa maneira, emblemático, no meio de todas as autocomunicações de Deus. Emblemático, porque todos os meandros da história humana, com as suas glórias e as suas misérias, estão nele presentes em ponto pequeno. Único, porque essa história se escreve explicitamente a partir da relação com Aquele a quem chamamos Deus. É ela que constitui o enquadramento no qual nascerá o Filho bem-amado de Deus e que fornece a carne que será expressão corporal da Palavra.

“ E o Verbo fez-Se homem e veio habitar connosco (*João* 1,14).

Em termos teológicos, dizemos que Cristo cumpre as Escrituras, ou seja, que Ele é o ponto culminante revelador do sentido autêntico do que O precedeu. Mas é possível exprimir a mesma relação a partir da perspectiva contrária: para compreender cabalmente a identidade e a mensagem de Cristo, temos de O situar no contexto de uma história que O precede e O envolve por todos os lados. Por isso, os dois Testamentos precisam um do outro e esclarecem-se mutuamente. Quanto mais procuramos aprofundar um deles, mais somos remetidos para o outro.

O texto do quarto capítulo do Evangelho de João que vou comentar, ilustra bem o que acabo de dizer. Trata-se de um simples encontro entre um homem e uma mulher junto de um poço da Samaria; o simbolismo da água ocupa um lugar central. Antes de abordar directamente o relato evangélico, pode ser proveitoso examinar o significado destas realidades nas Escrituras hebraicas.

É fácil constatar que, depois do ar que respiramos, a água é a substância mais preciosa para a existência humana. Sem água, nenhuma vida pode subsistir por muito tempo. E actualmente, nos países desenvolvidos, basta abrir a torneira para se obter água. Tal como o ar que respiramos, a água é considerada como óbvia.

Na maior parte dos tempos e lugares, porém, não é assim. A água não vem automaticamente, é preciso procurá-la. Tendo sorte, encontra-se à superfície da terra, nos rios, nas nascentes... Mas nas regiões mais áridas do globo, como é o caso da Palestina, onde o deserto nunca fica longe, não é assim tão fácil encontrar água. É preciso cavar fundo para descobrir, sob a

superfície do solo, uma nascente subterrânea: é o que se chama um poço.

É, pois, compreensível que, no mundo da Bíblia, sobretudo no período mais antigo, os poços sejam lugares importantes. São, literalmente, fontes de vida, pontos fulcrais que tornam possível a existência da sociedade humana. É em redor desses lugares fundamentais que nasce e cresce a vida. O poço é um lugar de reunião e, visto os seres humanos serem como são, não é raro que seja também um lugar de conflito:

[Isaac] possuía rebanhos de toda a espécie, de gado miúdo e graúdo, e numerosos servos. Por isso, os filisteus tiveram inveja de Isaac. Todos os poços que tinham sido abertos pelos servos do seu pai Abraão, quando ele ainda vivia, foram obstruídos pelos filisteus, enchendo-os de terra. (...) Isaac abriu novamente os poços que tinham sido abertos no tempo do seu pai Abraão e que os filisteus entulharam após a morte de Abraão, dando-lhes o mesmo nome que o pai lhes tinha dado. Os servos de Isaac, prosseguindo as suas escavações no vale, descobriram uma nascente de águas vivas, mas os pastores de Guerar entraram em conflito com os pastores de Isaac, e disseram: Esta água pertence-nos. Então Isaac a esse poço chamou poço da discussão (Echek), por lhe terem impugnado falsamente a sua propriedade. Abriram um outro poço e logo surgiu nova discussão; por isso chamou-lhe poço de reclamação (Sitna). Partiu imediatamente dali e, mais adiante, abriram um poço, a respeito do qual não houve discussões e deu-lhe o nome de poço de Largueza (Reobot), porque ele disse: O Senhor agora deu-nos largueza e havemos de prosperar nesta terra (Gênesis 26,14-15; 18-22).

Lugar de conflito e, às vezes, lugar de reconciliação, o poço da água cria à sua volta como que um microcosmos da sociedade humana, com as suas sedes individuais e a necessidade de contar com os outros, a sua generosidade e o seu egoísmo.

Entre todos os encontros que pode haver à volta de um poço, encontra-se um que se reveste de uma importância particular na Bíblia hebraica. Trata-se de um encontro entre um homem e uma mulher. Há três textos que constituem uma espécie de tradição que será de grande utilidade para a compreensão do relato evangélico do encontro de Jesus com uma mulher da Samaria.

O primeiro texto (*Génesis 24*) diz respeito à tentativa de Abraão para descobrir uma esposa para o seu filho Isaac. Para tal, o patriarca envia o seu velho servo à sua terra natal, longe de Canaã. O servo de-tém-se junto de um poço e faz esta oração:

*Senhor, Deus de Abraão, meu amo, fizeste que eu encontre hoje o que pretendo, e manifestai a vossa bondade para com o meu amo Abraão. Vou colocar-me junto da fonte, pois as jovens da cidade vão sair para vir buscar água. Aquela jovem a quem eu disser: «Inclina, por favor, o teu cântaro, para eu beber» e me responder: «Bebe e darei também de beber aos teus camelos», essa seja a que destinaste ao teu servo Isaac. E assim ficarei a saber que manifestas a tua bondade ao meu senhor (*Génesis 24,12-14*).*

Pouco depois, uma jovem de nome Rebeca chega ao poço com o seu cântaro, a fim de tirar água. O servo pede-lhe de beber e as coisas passam-se como

na sua oração. A jovem convida-o a passar a noite com a sua família e ele descobre, cheio de espanto, que são parentes de Abraão. Após longas conversações, Rebeca aceita partir com o ancião para receber Isaac como esposo.

Neste relato, há pormenores suplementares que evocam o Evangelho de João. Depois do encontro com o homem junto do poço, a jovem correu e foi contar, em casa de sua mãe, o que acabava de se passar (*Gênesis* 24,28; comparar com *João* 4,28) e diz: Assim me falou o homem (*Gênesis* 24,30; comparar com *João* 4,29). Não é de crer que estas afinidades sejam simples coincidências. Os cristãos da primeira geração, na sua maioria, eram Judeus que tinham um grande conhecimento das Escrituras do seu povo; é normal que, na maneira como contam uma história, se deixem influenciar por relatos já conhecidos. Isto, só por si, não é indicação de que tenham inventado a história em causa, mas simplesmente que a forma é parcialmente determinada pela tradição da qual provinham.

Em *João* 4, o poço é designado por «poço de Jacob» e o segundo texto que vamos considerar, *Gênesis* 29,1-14, põe em cena, precisamente, Jacob, filho de Isaac. Longe do seu país e da sua casa, detém-se junto de um poço tapado com uma grande pedra. Os pastores esperam que todos estejam presentes para afastarem a pedra da boca do poço. Temos de confessar que, neste ponto, o texto não é muito explícito: será que esperam porque a pedra é muito pesada, ou o poço está tapado por não dar água suficiente e é preciso que todos estejam presentes para partilhar a pouca que há e assim evitar querelas?

Seja como for, o facto é que, nesse momento, chega ao local uma jovem com o seu rebanho. É Raquel, prima de Jacob. Então Jacob remove a pedra do poço e dá de beber ao rebanho do seu tio Labão. Vai para casa deste e fica lá. Querendo desposar Raquel, deve, primeiro, passar catorze anos em casa do seu tio. Ao todo, permanece na região cerca de vinte anos.

Tal como o seu descendente Jesus, Jacob oferece água a uma mulher desconhecida. A afinidade com o Evangelho de João é, porém, ainda mais evidente a partir, não do relato como está escrito na Bíblia, mas da maneira como os Judeus contavam uns aos outros essa história. Felizmente, temos documentos que nos fornecem esses relatos.

√ São os Targoums, paráfrases da Bíblia em língua aramaica para aqueles que tinham deixado de compreender o hebraico bíblico, bem como os Midraschim, comentários ou homilias que explicam os livros bíblicos, muitas vezes juntando diversos textos e elaborando um novo relato.

De acordo com algumas tradições, quando Jacob rola a pedra da boca do poço, a água começa a jorrar formando um grande caudal, de maneira que, daí em diante, há água em abundância para todos. Esta versão do relato justifica, até certo ponto, o comportamento de Labão que procura conservar Jacob na região o máximo de tempo possível; receia que, após a sua partida, a água falte como anteriormente e tenham novamente dificuldade em mitigar a sede a homens e rebanhos.

Deste modo, à luz desta releitura, a réplica da Samaritana quando Jesus lhe promete água viva, reveste-se de uma nova luz: Porventura és mais do que o nosso patriarca Jacob...? (*João* 4,12). Por outras palavras: «Vais fazer um milagre como ele, ou até algo ainda maior? Quem pretendes tu ser, concretamente?»

O terceiro texto desta tradição diz respeito a Moisés (*Êxodo* 2,15-22). Obrigado a fugir do Egito depois da sua tentativa falhada de impor justiça, descança à beira de um poço. Quando algumas jovens, neste caso, sete irmãs, vêm para dar de beber aos seus rebanhos, são intimidadas por outros pastores. Moisés defende-as e depois dá de beber ao gado. O pai delas convida-o para ficar em sua casa e não é de admirar que Moisés acabe por se casar com uma das suas filhas.

Também neste caso, quando contavam esta história, os Judeus acrescentavam elementos suplementares. Numa das versões, Moisés faz um milagre análogo ao de Jacob, fazendo jorrar água do poço; desta maneira, o seu futuro sogro fica a saber que ele é descendente de Jacob. E o historiador judeu Flávio Josefo conta o início do relato do seguinte modo:

«Ao chegar à cidade de Madiã, [Moisés]... sentou-se à beira de um poço por causa da fadiga e do peso do dia: era a hora do meio-dia, não longe da cidade.»

√ Antiquidades judaicas II, 254ss, citado em X. Léon-Dufour, *Lecture de l'Évangile selon Jean*, I, Seuil, 1988, p. 349.

São pormenores que mais tarde vamos encontrar no evangelho de S. João (*João* 4,5-6). Deste modo, Jesus situa o seu encontro com a Samaritana na sequência directa dos patriarcas e de Moisés: como havemos de ver, Ele cumpre de facto aquilo que eles prefiguram de maneira material.

Além destas histórias de encontros junto de um poço que acabam em casamento, o tema da água assume um grande relevo por ocasião do Êxodo. Depois de saírem do Egipto sob a égide de Moisés, os Israelitas têm de atravessar o deserto para chegarem à Terra prometida. O deserto é, evidentemente, o lugar por excelência onde se faz sentir a falta de água, o que permite a Deus revelar-Se como Fonte de vida, mitigando a sede do povo de um modo miraculoso.

“ Ler *Êxodo* 17,1-7 e *Números* 20,1-11. Ver também *Isaiás* 41,18; 43,20; 48,21; *Salmos* 78,15-16; 105,41; 114,8.

A este respeito, um texto enigmático que encontramos no livro dos *Números* reveste-se, na tradição posterior, de uma grande importância:

Daí foram para Beer. Este é o poço acerca do qual o Senhor dissera a Moisés: Reúne o povo e Eu lhes darei água. Então Israel cantou este hino:

Sobe, água do poço!

Aclamai-O!

Poço aberto por príncipes,

cavado por gente nobre,

com ceptro, com os seus bastões!

Do deserto foram para Mataná; de Mataná para Naa-

liel e de Naaliel para Bamot; de Bamot, para o vale que está nos campos de Moab, ao cume do Pisga, de onde se domina a vastidão do deserto (Números 21,16-20).

Do que se trata? De um poço no deserto, de um cântico dirigido a esse poço, e de uma lista de localidades por onde o povo deveria passar. O alcance desta série não é imediatamente evidente. E precisamente por ser um texto que, à primeira vista, não é muito compreensível, oferece um vasto campo de investigação e de reflexão.

√ A exegese tradicional judaica delicia-se com passagens destas. A falta de clareza, e mesmo a racionalidade superficial, é um apelo a aprofundar, a descobrir os tesouros ocultos sob o teor do texto. Os Padres da Igreja, à sua maneira, seguem as pegadas dos rabinos, distinguindo os diferentes sentidos da Escritura. Apesar de, hoje em dia, a sua exegese nos parecer, às vezes, fantasiosa, não deveríamos perder de vista o que contém de verdade, ou seja, a convicção de que o significado das Escrituras não se esgota no nível literal, nem na intenção consciente do autor inspirado, porventura conhecida, mas que a Bíblia é uma porta de entrada para o mistério insondável de Deus.

Vejamos, pois, como é que os rabinos explicaram estes versículos: no deserto, a água era, de facto, dom de um poço, um poço escavado há séculos pelos patriarcas (ou seja, pelos príncipes do versículo 18). Foi esse mesmo poço que pertenceu a Abraão, Isaac e Jacob. E esse poço milagroso acompanhava o povo nas suas deslocações: é o sentido do itinerário indicado pelos versículos 18b-20. Ao fim e ao cabo, havia apenas um único poço, uma fonte

peregrina dada por Deus para dessedentar os seus na sua carência.

Com base nesta interpretação, alguns rabinos davam mais um passo. Sendo assim, pensavam, não pode tratar-se de um poço vulgar que fornece água material. Procurando, então, atribuir a este relato um significado alegórico, concluíam que esse poço era, de facto, a Tora, a Lei dada pelo Senhor no Sinai, Fonte de vida que acompanhava permanentemente o povo através de todas as etapas da sua história. Por meio dela, a nação santa recebia o dom da Palavra e da Sabedoria divinas. Com efeito, diga-se de passagem, a interpretação «espiritual» das realidades materiais não é apanágio exclusivo do Evangelho de Jesus Cristo, pois também a encontramos na tradição judaica.

É evidente que S. Paulo, Judeu de formação farisaica, conhecia uma tradição semelhante. Meditando sobre a situação dos Israelitas no deserto, para dar a entender aos fiéis de Corinto que os seus predecessores tinham também conhecido uma espécie de baptismo, e até mesmo de Eucaristia, escreve:

Não quero que ignoreis, irmãos, que os nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, todos passaram através do mar e todos foram baptizados em Moisés, na nuvem e no mar. Todos comeram do mesmo alimento espiritual e todos beberam da mesma bebida espiritual; pois bebiam de um rochedo espiritual que os seguia, e esse rochedo era Cristo (1 Coríntios 10,1-4).

Por conseguinte Paulo, atribuindo àquele relato um significado imaterial, transforma, à sua maneira,

a interpretação rabínica. Para ele, o poço ou rochedo no deserto era, de facto, a presença oculta de Cristo que já acompanhava o seu povo como Fonte da sua vida. Deste modo, S. Paulo vai por uma outra via, como veremos, ao encontro do tema que S. João explicita no capítulo 4 do seu Evangelho.

Com esta rápida leitura da Bíblia hebraica, através do exame dos símbolos da água e do poço, pretendo apenas lançar algumas bases para a compreensão de um determinado relato evangélico. Fonte de vida; lugar de reunião, de conflito e de reconciliação; lugar de encontro, particularmente, entre um homem e uma mulher em ordem ao casamento; símbolo de um Deus que cuida do seu povo: a densidade de significado que o poço possui, faz dele um lugar privilegiado para compreender as relações entre Deus e os seres humanos. Jesus aproveita esses antecedentes para transformar um simples encontro numa magnífica expressão da sua mensagem. Revela, em plenitude, aquilo que estes símbolos humanos e bíblicos sempre pretenderam significar. Vamos agora ver como é que o Evangelho actualiza e completa o ensinamento bíblico sobre o dom da água.

❓ Rerler *Êxodo* 17,1-7, o relato da água do rochedo no deserto, exemplo clássico da «prova» da fé. Perante a dificuldade, como reage o povo? Como reage Moisés? Numa situação semelhante, qual foi a minha reacção? Qual é a resposta de Deus? O que ficamos a saber sobre Deus a partir desta resposta?

ÍNDICE

<i>Apresentação</i>	5
O poço na Bíblia.....	7
1. «Quando Jesus soube...» (<i>João 4, 1-3</i>)	25
2. «Tinha de atravessar a Samaria» (<i>João 4, 4</i>)	28
3. «Chegou, pois, a uma cidade...» (<i>João 4, 5-6</i>).....	34
4. «Entretanto, chegou certa mulher...» (<i>João 4, 7a</i>)	35
5. «Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber...» (<i>João 4, 7b-8</i>)	37
6. «Disse-Lhe então a samaritana...» (<i>João 4, 9</i>).....	45
7. «Respondeu-lhe Jesus: Se tu soubesses o dom que Deus tem para dar...» (<i>João 4, 10</i>).....	47
8. «Disse-lhe a mulher: Senhor, não tens sequer um balde...» (<i>João 4, 11-12</i>)	51
9. «Replicou-lhe Jesus: Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede...» (<i>João 4, 13-14a</i>).....	55
10. «...a água que Eu lhe der...» (<i>João 4, 14b</i>).....	57
11. «Disse-Lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água...» (<i>João 4, 15</i>).....	62
12. «Respondeu-lhe Jesus: Vai, chama o teu marido...» (<i>João 4, 16</i>).....	64
13. «A mulher retorquiu-Lhe: Eu não tenho marido...» (<i>João 4, 17-18</i>).....	66
14. «Disse-Lhe a mulher: Senhor, vejo que és um profeta!...» (<i>João 4, 19-20</i>).....	69
15. «Jesus declarou-lhe: Mulher, acredita em Mim...» (<i>João 4, 21</i>).....	70
16. «Vós adorais o que não conheceis...» (<i>João 4, 22</i>)	75
17. «Mas chega a hora...» (<i>João 4, 23-24</i>).....	76
18. «Disse-lhe a mulher: Eu sei que o Messias...» (<i>João 4, 25-26</i>)...	85
19. «Nisto chegaram os seus discípulos...» (<i>João 4, 27</i>)	87
20. «Entretanto, os discípulos insistiam...» (<i>João 4, 31-34</i>)	89
21. «Então a mulher deixou o seu cântaro» (<i>João 4, 28-30</i>)	93
22. «Não dizeis vós: Mais quatro meses e vem a ceifa?» (<i>João 4, 35-38</i>).....	98
23. «Muitos samaritanos daquela cidade creram n' Ele» (<i>João 4, 39-42</i>).....	102